

Adendo com trecho do *Livro das mil e uma noites* e poemas de *Adonis* citados na entrevista

Trecho da 1ª noite das espantosas histórias das mil e uma noites: O mercador e o gênio¹

Disse Sahrāzād: Conta-se, ó rei venturoso, de parecer bem orientado, que certo mercador vivia em próspera condição, com abundantes cabedais, dadivoso, proprietário de escravos e servos, de muitas mulheres e filhos; em muitas terras ele investira, fazendo empréstimos ou contraindo dívidas. Em dada manhã, ele viajou para um desses países: montou um de seus animais, no qual pendurara um alforje com bolinhos e tâmaras que lhe serviriam como farnel, e partiu em viagem por dias e noites, e Deus já escrevera que ele chegaria bem e incólume à terra para onde rumava; resolveu ali seus negócios, ó rei venturoso, e retomou o caminho de volta para sua terra e parentes. Viajou por três dias; no quarto, como fizesse muito calor e aquele caminho inóspito e desértico² fervesse, e tendo avistado um oásis adiante, correu até lá a fim de se refrescar em suas sombras. Dirigiu-se para o pé de uma noqueira a cujo lado havia uma fonte de água corrente e ali se sentou, antes amarrando a montaria e pegando o alforje, do qual retirou o farnel: bolinhos e um pouco de tâmaras. Pôs-se a comer as tâmaras, jogando os caroços à direita e à esquerda até que se saciou. Em seguida levantou-se, fez abluções e rezou³. Quando terminou os últimos versos da prece, antes que ele se desse conta, aproximara-se um velho gênio cujos pés estavam na terra e cuja cabeça tocava as nuvens, empunhando uma espada desembainhada. O gênio se achegou, parou diante dele e disse: “Levante-se para que eu o mate com essa

1 *Livro das mil e uma noites*, volume 1 – ramo sírio, traduzido do árabe por Mamede Mustafa Jarouche. São Paulo: Globo, 2005, p. 56. As demais notas no trecho aqui reproduzido são do próprio tradutor.

2 “Caminho inóspito e desértico” traduz a palavra árabe *barr*.

3 Embora descreva um ritual aparentemente islâmico e se valha da terminologia muçulmana, nesse ponto o texto parece referir-se a uma religião anterior ao islamismo.

espada, do mesmo modo que você matou meu filho!”, e deu uns gritos com ele. Ao ver o gênio e ouvir-lhe as palavras, o mercador ficou atemorizado e, invadido pelo pânico, disse: “E por qual crime vai me matar, meu senhor?”. O gênio respondeu: “Pelo crime de ter matado o meu filho”. O mercador perguntou: “E quem matou o seu filho?”. Respondeu o gênio: “Você matou o meu filho”. Perguntou o mercador: “Por Deus que eu não matei o seu filho! Quando e como isso se deu?”. O gênio respondeu: “Não foi você que estava aqui sentado, e que tirou tâmaras da mochila, pondo-se a comê-las e a jogar os caroços à direita e à esquerda?” O mercador respondeu: “Sim, eu fiz isso”. O gênio disse: “Foi assim que você matou o meu filho, pois, quando começou a jogar os caroços à direita e à esquerda, meu filho começara logo antes a caminhar por aqui,⁴ e então um caroço o atingiu e matou. Agora, me é absolutamente imperioso matar você”. O mercador disse: “Não faça isso, meu senhor!”. Respondeu o gênio: “É imperioso que eu o mate, assim como você matou o meu filho. A morte se paga com a morte”. O mercador disse: “A Deus pertencemos e a ele retornaremos; não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso. Se eu de fato o matei, não foi senão por equívoco de minha parte. Eu lhe peço que me perdoe”. O gênio respondeu: “Por Deus que é absolutamente imperioso matá-lo, do mesmo modo que você matou meu filho”, e, puxando-o, atirou-o ao chão e ergueu a espada para golpeá-lo. O mercador chorou, lamentou-se por seus familiares, esposa⁵ e filhos. Enquanto a espada estava erguida, o mercador chorou até molhar as roupas e disse: “Não há poderio nem força senão em Deus altíssimo e poderoso”, e recitou os seguintes versos:

“O tempo é composto de dois dias, um seguro, outro ameaçador,
e a vida é composta de duas partes, uma pura, outra turva.
Pergunte a quem urdiu as idas e vindas do tempo:
será que o tempo só maltrata a quem tem importância?
Acaso não se vê que a ventania, ao formar as tempestades,
não atinge senão as árvores de altas copas?
De tantas plantas verdes e secas existentes sobre a terra,
somente se apedrejam aquelas que tem frutas;

4 O trecho “começara logo antes a caminhar por aqui” traduz uma locução dialetal *kāna kamā masā* (talvez por **kāna kamā yamsī*), que somente pode ser compreendida mediante a comparação com outros trechos nos quais seu sentido é mais explícito.

5 Ao contrário do que se possa imaginar, não existe aqui contradição: embora tivesse muitas mulheres e concubinas, o mercador, ao que parece, tinha somente uma esposa (legítima). Mas note-se que um dos manuscritos (“Gayangos 49”) registra sistematicamente “esposas”.

nos céus existem incontáveis estrelas,
mas em eclipse só entram o sol e a lua.
Pois é, você pensa bem dos dias quando tudo vai bem,
e não teme as reviravoltas que o destino reserva;
nas noites você passa bem, e com elas se ilude,
mas no sossego da noite é que sucede a torpeza”.

Quando o mercador encerrou o choro e os versos, o gênio disse: “Por Deus que é imperioso matá-lo, mesmo que chore sangue, assim como você matou meu filho”. O mercador perguntou: “É absolutamente imperioso para você?”. Respondeu o gênio: “Para mim é imperioso”. E tornou a erguer a espada para golpeá-lo.

Então a aurora alcançou Sahrāzād e ela parou de falar.

Voz⁶

Desce
entre os remos
entre as rochas, encontra
os errantes nas jarras
das noivas, no murmúrio das ostras.

Anuncia o ressurgir das raízes,
das nossas bodas, dos portos, dos cantadores –
anuncia o ressurgir dos mares.

Voz⁷

Mihyar é um rosto traído por seus amantes
Mihyar é sinos que não tocam
Mihyar está nos rostos
inscrito como canção
que nos visita furtiva

6 ADONIS. *Poemas*. Seleção e trad. do árabe Michel Sleiman. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p. 71.

7 Cf. ADONIS. Ob. cit., p. 66.

nas sendas claras do exílio
Mihyar é o sino dos errantes
neste chão da Galileia.

O sino⁸

A palmeira se inclinou
o dia e a noite se inclinaram
ele se aproxima, é um de nós,

mas o céu
removeu seu teto de chuva, por ele
se aproximou para pender
o rosto dele sobre nós, como um sino verde.

Folhas ao vento no. 8⁹

Sou a casa da luz que não se acende:
minha inquietude arde no monte da soberba
meu amor é uma almenara verde.

Região dos brotos¹⁰

Aqui esteve Ícaro
sombreou-se sob as folhas pálidas aspirou o fogo
nos quartos verdes nos brotos doces
e balançou
balançou o tronco e refugiou-se
enrolou-se como a tenda e depois
inebriou-se voou

não se abrasou – não volte ainda
Ícaro.

8 Cf. ADONIS. Ob. cit., p. 76.

9 Cf. ADONIS. Ob. cit., p. 56.

10 Cf. ADONIS. Ob. cit., p. 99.

O tempo¹¹

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de fogo:
Que sangue é esse que jorra da areia, que ocaso é este?
Chama do agora, nos ensine a dizer.

Na garganta os retalhos da história
e em frente os sinais das vítimas,
como é amarga a língua agora
como é estreita a porta o alfabeto.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de fogo:
...Agora o carrasco é o amigo? é o vizinho?
Disse: Quem segura o Hulago? quem bate? é o arrecadador?
Deem-lhe o tributo... Mulheres e homens de todo
tipo... imagens passam, gesticulamos
cochichamos, nossos passos puxam a linha do assassínio.
É deus que vem da morte
ou a morte é que vem de deus?
– A charada o deixou confuso
dobrou um arco de pavor
sobre os dias arqueados.

– Tenho um irmão perdido
um pai louco
meus filhos estão mortos,
a quem recorro? abraço a porta?
me queixo ao tapete?
– Está confuso, deem-lhe a cura,
tragam rapés de alfaqui.

Cadáveres, maravilha dos assassinos, silos de ossos.
O montinho é cabeça de criança ou pedaço de carvão?
Isto é um corpo ou esqueleto de barro?
Me inclino, remexo nos olhos, remendo a cintura
talvez me ajude imaginar

11 Cf. ADONIS. Ob. cit., p. 163.

talvez me oriente a luz da memória
mas não adianta submeter linha fina
não adianta juntar cabeça braço perna, não dá
para saber a identidade do morto.

– Para quem a formiga ensina?
Por que o assombro? A poesia
é essa mistura do olho com a trágica fagulha
êxtase é você ver sua casa erguida a Deus em estilhaços.
A coruja de um adivinho
grita do alto do minarete
a voz dela tece um arco-íris
e chora estrangulada
até ficar alegre.

Nos braços a espiga de tempo, a cabeça é uma torre de fogo.